



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Bruna Fernanda dos Santos Schunig

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA RUI BARBOSA: DESAFIOS
E PERSPECTIVAS EM MEDICILÂNDIA-PA**

ALTAMIRA-PA
Janeiro de 2025

BRUNA FERNANDA DOS SANTOS SCHUNIG

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA RUI BARBOSA: DESAFIOS
E PERSPECTIVAS EM MEDICILÂNDIA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo/Linguagens e Códigos, sob orientação da Prof^a Raquel Lopes

ALTAMIRA-PA
Janeiro de 2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)**

Schunig, Bruna Fernanda dos Santos.
Educação de jovens e adultos na escola Rui Barbosa:
desafios e perspectivas em Medicilândia-PA / Bruna
Fernanda dos Santos Schunig. — 2025.
26 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Raquel da Silva Lopes
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira,
Faculdade de Etnodiversidade, Altamira, 2025.

1. Educação do Campo. 2. Inclusão
socioeducacional. 3. Inovações metodológicas . 4. EJA.
I. Título.

CDD 370.7

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 METODOLOGIA.....	8
2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE EJA	9
2.1 2.1 EJA no Contexto Rural.....	9
2.2 2.2 Metodologias e Práticas Pedagógicas	10
2.3 2.3 O Impacto das rotinas de trabalho e a evasão escolar	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
3.1 Perfil dos alunos da EJA na realidade pesquisada	14
3.2 Perfil dos Professores da EJA na realidade pesquisada.....	20
3.3 A Metodologia e as práticas pedagógicas observadas	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA RUI BARBOSA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS EM MEDICILÂNDIA-PA

Bruna Fernanda dos Santos

Schunig¹

RESUMO: Este trabalho de conclusão de curso investiga os desafios enfrentados por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo, na região da Transamazônica, sudoeste do Estado do Pará. O estudo surgiu a partir de observações realizadas durante pesquisas de Tempo-Comunidade e Estágio Supervisionado, assim como a partir de atividades práticas do Programa de Bolsa de Iniciação à docência/PIBID. Os alunos da EJA enfrentam desafios como a defasagem idade-série, o cansaço físico e psicológico devido ao trabalho rural e à dificuldade de conciliar as responsabilidades familiares com os estudos, o que impacta seu rendimento escolar e pode gerar evasão. A EJA foi reconhecida formalmente no Brasil pela Constituição de 1988, mas sua regulamentação só ocorreu com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96. O objetivo do trabalho é analisar as condições da oferta da EJA na escola Rui Barbosa, para entender como o contexto de vida dos alunos interfere no seu desempenho. A pesquisa também busca propor alternativas metodológicas para tornar o ensino mais eficaz e atender melhor às necessidades desse público, visando à redução da evasão escolar e a promoção da inclusão educacional. A metodologia de pesquisa consistiu em trabalho de campo, com observação direta no local e realização de entrevistas. Resultados preliminares indicam que a maioria dos alunos da EJA vem de contextos de vulnerabilidade social, o que agrava as dificuldades no processo de aprendizagem; apontam também que as metodologias adotadas na escola muitas vezes não consideram as realidades desses alunos, afastando-os ainda mais do ambiente escolar. A pesquisa observou que o currículo tradicional não dialoga com as vivências dos alunos, o que contribui para o ciclo de evasão escolar.

Palavras-chave: Educação do Campo. Inclusão socioeducacional. Inovações metodológicas. EJA

¹ Graduanda do Curso de Educação do Campo/Ênfase em Linguagens e Códigos, da Universidade Federal do Pará/Campus de Altamira-Faculdade de Etnodiversidade. Email: brunafe1999@gmail.com

ABSTRACT: This study investigates the challenges faced by students in the Education of Young People and Adults (EJA) in rural schools, focusing on how the particularities of this educational modality are applied in rural contexts. The study emerged from observations made during research and practical activities in teacher training programs. EJA serves young people and adults, many of whom are rural workers who did not have access to basic education or did not complete their studies at the appropriate age. EJA students face challenges such as age-grade discrepancy, physical and psychological fatigue due to rural work, and the difficulty of balancing family responsibilities with studies, which impacts their academic performance and may lead to school dropout. EJA was formally recognized in Brazil by the 1988 Constitution, but its regulation only occurred with the National Education Guidelines and Framework Law (LDB) No. 9,394/96. The aim of this work was to analyze the conditions for offering EJA in rural schools, particularly at the Rui Barbosa school, to understand how the students' life context influences their performance. The research also seeks to propose methodological alternatives to make teaching more effective and better meet the needs of this public, aiming to reduce school dropout and promote educational inclusion. Through a bibliographic research methodology, combined with field experience through Tempos Comunidades, it was possible to observe that most EJA students come from socially vulnerable contexts, which exacerbates the difficulties in the learning process. The pedagogical methodologies adopted often do not take into account the realities of these students, further distancing them from the school environment. The research observed that the traditional curriculum does not align with the students' experiences, contributing to the cycle of school dropout.

Keywords: Education of Young People and Adults. Rural. Contextualized Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso aborda os desafios enfrentados por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola do campo, com o objetivo de compreender as particularidades dessa modalidade de ensino e a sua operacionalização em contextos rurais. O tema emergiu a partir de observações realizadas durante a realização de pesquisas de Tempos-comunidade, Estágio supervisionado e a experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A partir dessa vivência, foi possível identificar questões que envolvem diretamente a formação desses alunos, como as metodologias adotadas pelos docentes e as práticas pedagógicas que buscam atender a uma demanda crescente de estudantes com realidades de vida muito distintas. A EJA, por sua natureza, acolhe jovens e adultos, muitos dos quais trabalhadores rurais que não tiveram a oportunidade de acessar a educação básica na idade considerada apropriada ou que, por diversos fatores, não concluíram seus estudos.

Os alunos que buscam a EJA em escolas do campo, em sua maioria, enfrentam uma série de dificuldades. A defasagem idade-série é uma das questões mais evidentes, o que agrava a situação ao dificultar o acompanhamento das atividades pedagógicas. Além disso, muitos desses estudantes carregam as marcas do trabalho rural extenuante, que, somadas às responsabilidades familiares e a outras obrigações cotidianas, resulta em um cansaço físico e psicológico significativo, impactando diretamente no seu rendimento escolar.

A Educação de Jovens e Adultos foi formalmente reconhecida no Brasil com a vigência da Constituição Federal de 1988, que garantiu o direito à educação básica para todos os cidadãos brasileiros. No entanto, como modalidade específica, só foi efetivamente regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96, que a inseriu no Ensino Fundamental Regular com o propósito de combater o analfabetismo e promover a inclusão educacional de jovens e adultos. A maioria dos alunos que procuram essa modalidade de ensino provém de contextos de vulnerabilidade social, enfrentando dificuldades no seu dia a dia, como sobrecarga de trabalho, tarefas domésticas e responsabilidades familiares. Esses fatores acabam por interferir diretamente no seu desempenho acadêmico desses estudantes, que se veem desafiados não apenas pela defasagem idade-série, mas também pela falta de adequação dos currículos escolares à sua realidade.

A observação direta das turmas de EJA, realizada durante os estágios curriculares e atividades no PIBID, revelou que esses alunos têm uma rotina de trabalho cansativa, que exige grande esforço físico e mental. Esse desgaste, muitas vezes, compromete o tempo e a energia disponíveis para os estudos, dificultando o processo de aprendizagem. Além disso, percebe-se que a abordagem pedagógica, em muitos casos, não leva em consideração as especificidades desse público. O currículo escolar tradicional, ao não dialogar com a realidade dos alunos da EJA, acaba por afastá-los ainda mais do ambiente escolar, contribuindo para a continuidade do ciclo de evasão. Como afirmam Barreto et al (2006, p. 32), "Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional", o que torna imprescindível que a escola adote práticas pedagógicas mais sensíveis às suas vivências e realidades.

A falta de uma compreensão mais profunda sobre as necessidades dos alunos da EJA, por parte de professores e gestores, cria um círculo vicioso no qual as questões relacionadas à disparidade entre a formação escolar e as experiências de vida desses sujeitos não são adequadamente enfrentadas. Como resultado, muitos desses jovens e adultos acabam por abandonar a escola, seja por não conseguirem se adaptar ao currículo, seja por não verem sentido em um processo educativo que não contempla suas necessidades reais. Nesse sentido, a escola precisa se reconfigurar, de modo a oferecer um currículo mais flexível e adaptado à diversidade de seus alunos, promovendo a inclusão e a permanência dos estudantes no ambiente escolar.

Este trabalho, portanto, tem como objetivo refletir sobre as condições da oferta da EJA na escola Rui Barbosa, no município de Medicilândia, no Estado do Pará, a fim de compreender como o contexto de vida dos alunos interfere no seu desempenho escolar. Além disso, busca analisar as metodologias adotadas e propor alternativas para que as práticas de ensino possam ser mais eficazes e atender às reais necessidades desse público. A pesquisa tem o intuito, ainda de analisar as práticas pedagógicas adotadas e contribuir para a melhoria do processo educativo e a redução da evasão escolar.

1.1 METODOLOGIA

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste trabalho foi composta por uma combinação de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com base nas experiências anteriores vivenciadas nos períodos de tempo-comunidade I, II e III, e no estágio supervisionado, todos desenvolvidos na E.M.E.I.F. Rui Barbosa, situada na Agrovila Jorge Bueno da Silva – KM 70, faixa Medicilândia/Pará.



Imagem 1: E.M.E.I.F RUI BARBOSA

Fonte: Arquivo pessoal, 2024

A pesquisa bibliográfica foi um dos pilares fundamentais deste estudo, com o objetivo de embasar teoricamente o tema abordado. Esta etapa é importante, pois, conforme destacam Lima e Miotto (2007, p. 45), “ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos”. A pesquisa bibliográfica me permitiu uma compreensão mais ampla das questões relacionadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente no contexto rural, além de fornecer subsídios para análise das práticas pedagógicas e das dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA em escolas do campo.

Para conhecer melhor a realidade investigada, foi realizada uma pesquisa de campo, que se dividiu em duas etapas. A primeira etapa foi realizada durante os trabalhos realizados nas pesquisas de tempo-comunidade, estágios supervisionados e durante a experiência no PIBID; essa fase inicial envolveu a coleta de dados

primários, por meio da observação direta e da interação com alunos e professores. Para o desenvolvimento deste trabalho, a segunda etapa consistiu em uma nova imersão na escola, com observações em sala de aula e entrevistas com alunos e professores.

A observação foi uma ferramenta crucial nesta pesquisa, pois permitiu a apreensão dos comportamentos, eventos e dinâmicas que ocorrem dentro da sala de aula. Conforme aponta Godoy (1995, p. 27), "a observação tem um papel essencial no estudo de caso. Quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ou comportamentos". A partir dessa abordagem, foi possível analisar como as rotinas de trabalho dos alunos interferem no seu desempenho escolar, bem como identificar as dificuldades que enfrentam em relação ao conteúdo curricular e à adaptação ao ambiente escolar. A imersão na escola visou compreender as especificidades desses alunos, possibilitando uma análise mais detalhada de suas vivências e desafios, tanto em termos de aprendizagem quanto em sua interação com as práticas pedagógicas adotadas pelos professores.

A combinação dessas duas abordagens metodológicas permitiu uma análise aprofundada da realidade dos alunos da EJA na escola Rui Barbosa, possibilitando identificar as condições que favorecem ou dificultam seu aprendizado, bem como as metodologias mais eficazes para a superação dos desafios encontrados.

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE EJA

2.1 EJA no contexto rural

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade importante no Brasil, especialmente se considerarmos os desafios enfrentados pelos alunos que não tiveram a oportunidade de acessar a educação básica na idade adequada. Nos últimos anos, diversos estudos têm abordado a EJA no contexto rural, com foco nas metodologias de ensino, nas dificuldades dos alunos e nas práticas pedagógicas que mais se adequam a essa realidade.

A Educação de Jovens e Adultos no campo enfrenta desafios significativos, muitos dos quais são frutos das especificidades do ambiente rural. Alunos da EJA, em sua maioria, são trabalhadores rurais que possuem um histórico de lacunas educacionais, seja por dificuldades em sua infância ou por uma interrupção nos estudos devido ao trabalho ou a responsabilidades familiares. Estudos recentes

indicam que esses alunos enfrentam uma defasagem idade-série considerável, o que implica dificuldades no acompanhamento do currículo escolar tradicional. A defasagem não se limita apenas à questão da idade, mas também envolve um 'gap' entre as práticas pedagógicas das escolas e as necessidades dos alunos. A maior parte dos estudantes da EJA no campo tem rotinas de trabalho desgastantes, que interferem diretamente na sua capacidade de se engajar nas atividades escolares (SILVA et al., 2020).

De acordo com Lima (2019), a educação do campo deve ser repensada a partir das condições de vida dos alunos, que muitas vezes enfrentam jornadas de trabalho exaustivas. A sobrecarga de responsabilidades, somada ao contexto socioeconômico desfavorável, torna-se um obstáculo significativo para a aprendizagem desses alunos, comprometendo sua participação efetiva nas atividades escolares. Em muitos casos, os alunos da EJA, ao chegarem à escola, já estão sobrecarregados por suas atividades profissionais e familiares, o que acaba prejudicando seu desempenho acadêmico e gerando uma sensação de desmotivação. Esse panorama exige que a escola se torne mais flexível e sensível às especificidades do seu público, adaptando sua proposta pedagógica para não apenas atender às demandas acadêmicas, mas também para considerar as realidades sociais e culturais dos alunos.

A literatura sobre a EJA no campo indica que, para que a escola desempenhe seu papel de inclusão e transformação, é necessário que ela adote uma abordagem contextualizada, que se relacione diretamente com o universo dos alunos. Essa adaptação do currículo é um ponto central para reduzir a evasão escolar, que é uma das principais consequências da falta de adequação das práticas pedagógicas. Para Lima (2019), a EJA no contexto rural precisa ser entendida como um espaço de aprendizagem que respeite as vivências dos alunos e, ao mesmo tempo, promova uma educação de qualidade, capaz de transformar suas condições de vida e ampliar suas perspectivas.

2.2 Metodologias e práticas pedagógicas

As metodologias de ensino adotadas na EJA, especialmente no campo, têm sido alvo de intensas discussões acadêmicas, visto que a abordagem tradicional, centrada em um currículo rígido e nas avaliações padronizadas, não se revela eficaz para muitos desses alunos. A EJA exige, mais que uma adaptação das metodologias

e de conteúdos, uma proposição voltada às necessidades dos seus estudantes, uma vez que eles apresentam experiências de vida muito distintas, com saberes adquiridos ao longo do tempo, em atividades rurais, contextos familiares e profissionais que não são contemplados pelas práticas pedagógicas convencionais. A literatura recente enfatiza a necessidade de uma abordagem que leve em consideração esses saberes construídos ao longo da vida, criando pontes entre o conhecimento escolar e o conhecimento vivido.

De acordo com Ribeiro e Santos (2022), a metodologia de ensino na EJA deve ser mais dinâmica e contextualizada, com ênfase no uso de práticas pedagógicas ativas que envolvam os alunos no processo de aprendizagem de maneira mais engajante. Essas metodologias incluem, por exemplo, o ensino baseado em projetos, que possibilita ao aluno vivenciar os conhecimentos adquiridos em situações reais, relacionadas ao seu contexto de vida. Essa abordagem torna o aprendizado mais significativo, pois os alunos podem perceber a utilidade do conteúdo abordado em sala de aula para a sua realidade cotidiana, seja no trabalho, seja em suas interações sociais e familiares. A utilização de metodologias ativas também pode contribuir para o desenvolvimento de competências críticas e reflexivas, que são necessárias para atuar de maneira consciente diante das diversas situações da vida contemporânea.

Além disso, Barreto et al (2006) destacam que a flexibilidade curricular é outro aspecto importante na pedagogia da EJA. O currículo deve ser adaptado para atender às necessidades dos alunos, e não o contrário. Isso significa que a escola precisa criar condições para que o aluno da EJA consiga conciliar suas atividades laborais com os estudos, ajustando a carga horária, os métodos de avaliação e os conteúdos de maneira que favoreçam a aprendizagem. A educação do campo, portanto, deve ser pautada pela compreensão da realidade dos alunos, sem negligenciar a qualidade da formação oferecida. Barreto et al (2006) afirmam que as práticas pedagógicas na EJA devem ser inclusivas, respeitando as diferenças de ritmo, conhecimento e experiências dos alunos.

Em busca de criar mais oportunidades de aprendizagem e visando a continuidade dos estudos dos alunos da modalidade EJA, a escola Rui Barbosa iniciou no ano de 2024 o uso da plataforma Google Classroom, desenvolvida pelo Google para facilitar a gestão de turmas e atividades educacionais; essa plataforma foi lançada em 2014 nos Estados Unidos e teve um bom desenvolvimento. No Brasil,

sua inclusão nas escolas públicas começou a ganhar força a partir de 2017, especialmente com o incentivo do Ministério da Educação (MEC) para a implementação de tecnologias educacionais fazendo assim com que varias escolas adotassem esse meio de ensino.

Com o intuito de promover um ensino de qualidade onde o aluno poderia acessar diversos componentes curriculares, no conforto de sua casa, o que de certa forma diminuiria a evasão escolar, o município de Medicilândia implementou o uso da plataforma nas escolas, inclusive nas de zona rural. Sabemos da importância das tecnologias na educação, porém, quando estamos em um cenário onde os alunos não possuem uma internet de qualidade ou aparelho celular que permita acessar essas tecnologias de forma eficaz, precisamos questionar sua efetividade e permanência. Outro ponto é fato de que até mesmos os professores apresentarem dificuldade para trabalhar com essas ferramentas, por diversos fatores, sejam a falta de internet, seja a 'ausência' ou falta de engajamento dos alunos que não acessam as atividades e conteúdos disponibilizados na plataforma.

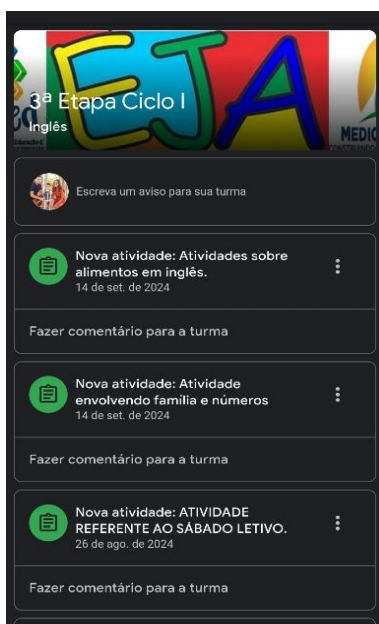


Imagem 2: Plataforma Google Classroom

Fonte: Arquivo pessoal,2024

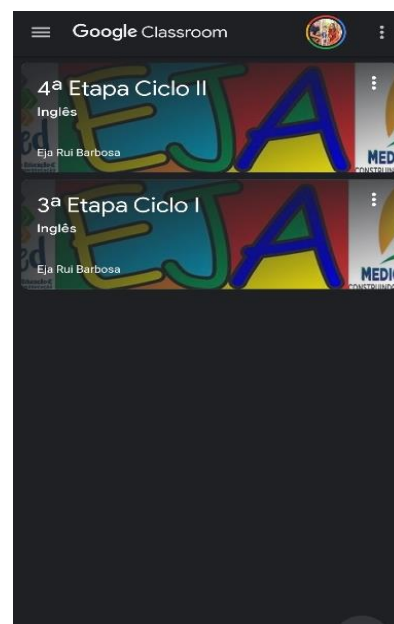


Imagem 3: Plataforma Google Classroom

Fonte: Arquivo pessoal,2024

O uso do Google Classroom nas turmas de EJA em escolas da zona rural infelizmente não é uma solução que trouxe bons resultados, por falta de infraestrutura e de recursos tecnológicos. Dessa forma, essa proposta de ensino precisa ser repensada ou reelaborada, priorizando alternativas mais inclusivas e

adequadas à realidade dos estudantes de escolas do campo, para que a educação não seja ofertada apenas para cumprir tabela, mas que seja feita de forma que realmente priorize as necessidades e vivências dos sujeitos a quem é destinada, para que esses alunos possam se sentir como parte de uma educação que olha além, e entende esses alunos como protagonistas de sua história e ensino.

2.3 O impacto das rotinas de trabalho e a evasão escolar

As rotinas de trabalho dos alunos da EJA são um dos principais fatores que afetam diretamente o seu desempenho escolar. Estudo realizado por Silva et al. (2021) mostra que muitos alunos chegam à escola exaustos após longas jornadas de trabalho rural, o que compromete a sua capacidade de concentração e aprendizado. Além disso, a sobrecarga física e mental provocada pelo trabalho, muitas vezes em condições precárias, torna difícil para os alunos manterem uma rotina de estudo regular e de qualidade. O cansaço, combinado com as responsabilidades familiares, gera um ciclo de desmotivação e evasão escolar, afetando negativamente o rendimento dos alunos.

Por outro lado, é importante destacar que a experiência de trabalho dos alunos da EJA no campo também contribui para a construção de saberes práticos que, se reconhecidos pela escola, podem ser incorporados ao processo de ensino-aprendizagem. No entanto, quando a escola ignora essas experiências e insiste em um modelo educacional inflexível, há uma desconexão entre o que é ensinado e o que é vivido pelos alunos. Souza e Pinto (2020) ressaltam que a educação deve ser vista como uma ferramenta de transformação social, mas, para isso, ela precisa se conectar com as realidades dos alunos. O trabalho no campo, que envolve atividades como agricultura, pecuária e outras ocupações, precisa ser valorizado e incorporado ao processo de ensino, para que os alunos possam relacionar o conteúdo escolar com o seu cotidiano.

Além disso, a flexibilização da carga horária e o oferecimento de alternativas que considerem as rotinas de trabalho dos alunos podem ser estratégias eficazes para melhorar o desempenho acadêmico e reduzir a evasão. A escola precisa se tornar um espaço mais acessível e menos rígido, permitindo que os alunos possam aprender de acordo com suas possibilidades e limitações. Dessa forma, os estudantes terão mais chances de concluir seus estudos, superando os desafios impostos pelas suas condições de vida e trabalho. Silva et al (2021) argumentam

que, ao considerar o contexto de vida dos alunos, a escola contribui para o fortalecimento da autoestima e da motivação dos alunos, elementos essenciais para o sucesso escolar.

A evasão escolar é um dos maiores problemas enfrentados pelas escolas que atendem à EJA, especialmente no contexto rural. Souza e Pinto (2020) argumentam que os alunos da EJA, muitas vezes, abandonam os estudos devido à desconexão entre o que é oferecido na escola e a realidade vivida fora dela. Os alunos da EJA enfrentam uma série de conflitos internos, relacionados às suas dificuldades de aprendizagem; e externos, como as condições de vida, o trabalho extenuante e a falta de suporte adequado. Esses fatores contribuem para a desistência escolar e para a perpetuação do ciclo de exclusão educacional.

Além disso, a falta de uma metodologia adequada para atender a esse público também contribui para a evasão. Barreto et al. (2006) observam que, ao não considerar as especificidades dos alunos, a escola pode criar um ambiente de frustração e desmotivação, que leva à evasão. A falta de acompanhamento pedagógico individualizado, a rigidez no currículo e a ausência de práticas que envolvam os alunos na construção do conhecimento geram um afastamento da escola, o que se traduz em altos índices de abandono escolar.

Para reduzir a evasão escolar, é necessário que os professores e gestores da EJA adotem práticas pedagógicas que se conectem com as vivências dos alunos, promovendo um ambiente acolhedor e respeitoso. A valorização da experiência dos alunos, o uso de metodologias que envolvem os saberes práticos adquiridos no campo e a flexibilidade curricular são ações que podem contribuir significativamente para a permanência desses alunos na escola. Além disso, é importante que a escola ofereça suporte psicológico e social para lidar com os conflitos que surgem dentro da sala de aula, como as dificuldades de relacionamento, a desmotivação e as questões emocionais que afetam os alunos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perfil dos alunos da EJA na realidade pesquisada

É sabido que a maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou por situações que comprometeram o exercício pleno de seus direitos, seja em função de uma estrutura familiar fragilizada ou pela falta de oportunidades para iniciar ou concluir seus estudos. Esse contexto, muitas vezes, leva o aluno a buscar,

na fase adulta, a retomada dos estudos, seja por necessidade ou por vontade de recuperar um tempo de aprendizagens.

Na Escola Rui Barbosa, são oferecidas duas turmas de EJA: uma da 3ª Etapa, composta por alunos dos 6º e 7º anos, e outra da 4ª Etapa, com alunos do 8º e 9º anos. A turma da 3ª Etapa, composta majoritariamente por jovens, iniciou com 17 alunos, mas até o final da pesquisa conta com apenas 5. Já a turma da 4ª Etapa, que reúne uma faixa etária mais diversificada, com jovens e adultos, começou com 24 alunos e atualmente tem 13.

Para compreender melhor o perfil dos alunos e seus estilos de vida, realizei uma reunião com as turmas, adotando uma abordagem mais descontraída por meio de uma roda de conversa. Apresentei-me e expliquei que estava realizando uma pesquisa; ao invés de utilizar um questionário formal, preferi adotar um formato mais livre, permitindo que os alunos se expressassem sem a sensação de estarem sendo "entrevistados".

Durante essas conversas, os alunos mencionaram que, ao iniciarem seus estudos, já esperam que a turma diminua ao longo do tempo, com muitos desistindo. Quando questionei os motivos, eles explicaram que isso é algo natural e que, apesar dos esforços, os desafios da vida adulta tornam o processo de estudar difícil. Mesmo com esses desafios, expressaram gratidão por estarem na escola, reconhecendo que, embora existam conflitos pontuais, como o descompasso com as regras institucionais e problemas nas interações entre os próprios alunos, a continuidade dos estudos é uma oportunidade importante.

Sobre os conteúdos estudados, os alunos destacaram o esforço dos professores em ajudá-los, embora tenham apontado dificuldades com o uso da plataforma de ensino, especialmente devido à baixa qualidade da conexão de internet e ao fato de muitos conteúdos ainda serem desconhecidos para eles. Outro ponto relevante foi a crítica em relação à alimentação escolar, uma vez que, frequentemente, muitos alunos saem de casa sem jantar e a merenda oferecida não atende às necessidades nutricionais, sendo composta apenas por itens como bolachas, suco, café com leite e canjica.

Em uma conversa com dois alunos que desistiram dos estudos, obtive respostas distintas sobre os motivos de sua saída. O aluno "A" relatou que a impossibilidade de conciliar o trabalho e os estudos foi o principal fator. Ele disse: "Não consegui conciliar a escola com o trabalho, pois tinha que cumprir horários e,

quando saía do trabalho, ia direto para o colégio, ficando muito cansado para fazer as atividades de casa e acompanhar as aulas." Por outro lado, o aluno "B" explicou sua desistência dizendo que, simplesmente, "quis parar". Ao aprofundar a conversa, ele mencionou que achava os professores e a escola excessivamente rígidos e que não acreditava que estudar fosse garantia de um futuro melhor. Embora concordasse com ele sobre a complexidade do sistema educacional, sugeri que ele refletisse sobre o que o motivou a tentar estudar, mas não obtive uma resposta clara. Acredito que ele não tenha percebido que esse pensamento é, muitas vezes, resultado de uma visão enraizada em seu meio social.

Diante dessa realidade, conversei com a equipe técnico-pedagógica da escola, buscando entender seu ponto de vista sobre o alto índice de desistência entre os alunos da EJA. A direção reconheceu os esforços da escola e expressou pesar pelos alunos que desistem, especialmente aqueles que abandonam os estudos devido questões da vida, como gravidez ou sobrecarga de trabalho. Também foi destacado que, em alguns casos, há alunos que iniciam os estudos na EJA porém sem o compromisso real com a aprendizagem. As coordenadoras mencionaram que, apesar das buscas ativas, muitos desses alunos retornam brevemente e desistem em seguida.



Imagem 5: Conversa com a equipe técnico-pedagógica da escola
Fonte: Arquivo pessoal, 2024



Imagem 6: Conversa com a equipe técnico-pedagógica da escola
Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Na 4ª Etapa, embora o número de alunos seja maior, os conflitos em sala de aula persistem. Um fator que contribui para esses conflitos é a grande diferença de idade entre os alunos. Alguns eram alunos do turno da manhã e migraram para o turno da noite, enfrentando uma convivência com colegas de faixas etárias distintas. Isso gera um choque de expectativas sobre o que é considerado adequado no ambiente escolar. Enquanto alunos mais velhos, com mais experiências de vida, já possuem uma ideia do funcionamento e organização de uma sala de aula, os adolescentes, que frequentemente estudam à noite para ajudar nas tarefas domésticas ou familiares, enfrentam seus próprios desafios, como conflitos típicos da adolescência e a necessidade de deixar seus ciclos de amizade para se adaptar a novas rotinas e ambientes de ensino.

Em ambas as turmas, percebi que o nível de aprendizagem está aquém do esperado para as etapas que estão cursando uma vez que a 3ª Etapa é equivalente a 6º e 7º ano e a 4ª Etapa ao 8º e 9º ano. Alguns alunos ainda se encontram em estágios iniciais de alfabetização; enquanto outros, embora consigam ler, enfrentam grandes dificuldades. Sabemos que a rotina de trabalho e as responsabilidades familiares afetam diretamente a capacidade de aprendizagem. Por exemplo, há alunos que passam o dia todo trabalhando na roça e, ao chegarem à escola à noite,

estão tão exaustos que mal conseguem se manter em pé. Além disso, a desvalorização do estudo pela sociedade é um fator que contribui para essa realidade.

Quando perguntei o que motivava os alunos a permanecerem na escola, muitos responderam que desejam concluir o ensino médio, e alguns expressaram o desejo de fazer faculdade ou melhorar sua qualidade de vida. No entanto, o aluno “P” deu uma resposta que me fez refletir: ele afirmou que estuda apenas para não perder o benefício do Bolsa Família. Ao discutir esse ponto com a equipe pedagógica, fui informada de que ele tem esse comportamento desde os anos iniciais do ensino fundamental, não cumprindo as atividades propostas pelos professores e sendo acompanhado pela escola da maneira que é possível.

Em uma nova conversa com as turmas, notei que, apesar das dificuldades semelhantes, as necessidades são diferentes. A 4ª Etapa e a 3ª Etapa é composta por jovens e adultos, alguns dos quais são casados, embora a 3ª Etapa tenha apenas 5 alunos, esses jovens e adultos possuem experiências de vida distintas que poderia contribuir grandemente para o processo pedagógico da escola. De maneira geral, os alunos expressaram o desejo de que a merenda escolar fosse mais substancial, preferindo refeições completas em vez de lanches simples, como bolachas e sucos, pois muitas vezes saem de casa sem jantar e a alimentação oferecida não é suficiente para suprir suas necessidades nutricionais.

NOME	OCUPAÇÃO	SERIE	IDADE
Bromélia	Meeiro	4ª Etapa	24
Alamanda	Meeiro	4ª Etapa	25
Augustus	Diarista	4ª Etapa	17
Azaleia	Meeira e dona de casa	4ª Etapa	28
Botão-de-ouro	Estudante	4ª Etapa	16
Celósia	Agricultora e dona de casa	4ª Etapa	35
Celósia	Meeiro	4ª Etapa	19
Copo-de-leite	Vaqueiro	4ª Etapa	29

Coração sangrento	Diarista	4ª Etapa	16
Crisântemo.	Estudante	4ª Etapa	15
Gazânia	Vendedora	4ª Etapa	19
Girassol	Agricultora e dona de casa	4ª Etapa	29
Helicônia	Diarista	4ª Etapa	18
Hibisco	Motorista	3ª Etapa	35
Ixora	Dona de casa e agricultora	3ª Etapa	20
Jasmim	Estudante	3ª Etapa	15
Margarida	Babá	3ª Etapa	15
Moreia	Diarista	3ª Etapa	16



Imagem 7: Turma da 4ª ETAPA
Fonte: Arquivo pessoal, 2024



Imagem 8: turma da 4ª ETAPA
Fonte: Arquivo pessoal, 2024



Imagem 9: turma da 3º ETAPA
Fonte: Arquivo pessoal, 2024

3.1 PERFIL DOS PROFESSORES DA EJA NA REALIDADE PESQUISADA

Os professores da EJA são moradores da comunidade mesmo, conhecedores das dificuldades dos alunos; em muitos casos, são os mesmos que trabalham no ensino fundamental maior durante o dia.

Professor	Área de formação	Área de atuação	Tempo de atuação na área da educação
Narciso	Pedagogia	Geografia	14 anos
Petúnia	Letras	Língua inglesa	22 anos
Rosa	Geografia	Estudos amazônicos	8 anos
Solidago	História	história	10 anos
Santolina	Pedagogia	Artes e religião	10 anos
Vinca	Letras	Língua portuguesa	4 anos
Verônica	Ciências da Natureza	Matemática e ciências	11 anos

A partir da experiência no estágio supervisionado e da interação com as turmas, conversei com a equipe técnico-pedagógica da escola e com alguns

professores; com estes, tentei me aprofundar mais tanto na questão da desistência quanto no uso da plataforma.

De modo geral eles afirmaram que fazem o possível para que os alunos não desistam, mas mesmo assim muitos saem. Quando perguntei o motivo pelo qual eles desistem, os professores afirmaram que é por conta das obrigações extra escolares que os alunos têm, como trabalho e família; porém alguns admitiram que na maioria das vezes eles param porque não têm interesse mesmo de aprender, vêm para a escola apenas por vir e isso tira o foco até mesmo de quem está tentado aprender.

Sobre a plataforma, os docentes também disseram que não gostam porque sabem que os alunos não conseguem fazer as atividades sozinhos e que muitos não têm internet de qualidade para fazer as tarefas e acessar a plataforma que funciona de vez em quando segundo eles.

Os professores afirmaram que é desafiador trabalhar nessa modalidade, tanto pela “bagagem de vida” dos alunos quanto pela modificação que precisa ser feita no conteúdo já que o material que deveria ser trabalhado na EJA não condiz com a realidade dos alunos; por isso eles não conseguiram acompanhar nem os conteúdos e nem a forma que se pede para trabalhar nessa modalidade, até porque os alunos estão há muito tempo fora da escola e têm dificuldade até mesmo de copiar do quadro, o que dificulta o andamento da aula. Quando me deparei com essas falas pude notar o quanto as vivências e as diversidades são ignoradas pelos sistemas de ensino e muitas vezes até mesmo por seus familiares e professores, uma vez que esses alunos só se encontram nessa situação por conta de oportunidades e direitos que lhes foram tirados e mostram ainda que com tantas dificuldades tentam e lutam para concluir seus estudos.

Outro aspecto importante que observei é a didática dos professores em sala de aula. A professora regente, por exemplo, enfrenta dificuldades que afetam diretamente sua capacidade de ensinar. Como lidar com a complexidade das diferentes realidades existentes na educação do campo; some-se a isso a sobrecarga de trabalho e as precárias condições de trabalho: professores contratados não têm direito a horas-atividade, nem férias e tampouco décimo terceiro salário – o que dificulta um bom desempenho profissional, porque esse mesmo profissional não se sente motivado, pois não tem tempo suficiente para preparar aulas mais dinâmicas e envolventes, e essa falta de estímulo pode prejudicar a qualidade do ensino e a experiência dos alunos em sala de aula.

Portanto, para enfrentar esses desafios é essencial buscar soluções que considerem as particularidades da vida no campo e as necessidades específicas dos alunos. Isso envolve não apenas a formulação de uma proposta curricular adequada à EJA, mas também melhorias nas condições de trabalho docente, no transporte e na alimentação escolar, além de investimento na formação e valorização dos professores, para que possam oferecer uma educação de qualidade e, assim, incentivar os alunos a permanecerem na escola.

3.2 A metodologia e as práticas pedagógicas observadas

Durante o processo de observação nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Escola Rui Barbosa, ficou evidente o esforço dos professores em garantir a aprendizagem dos alunos, embora a adaptação da metodologia e das práticas pedagógicas aos desafios específicos enfrentados por essa modalidade de ensino aconteça de forma superficial. A principal característica observada foi a necessidade de ajustar os conteúdos e as abordagens para atender às diversas realidades dos alunos, considerando a diversidade etária e as diferentes experiências de vida que cada um traz consigo.

De acordo com Freire (1996), a pedagogia do oprimido e a educação de adultos devem ser pensadas de maneira que considerem as experiências prévias dos alunos numa relação dialógica entre o educador e o educando. Esse conceito é central para a metodologia da EJA, pois os alunos dessa modalidade, frequentemente, têm trajetórias de vida que exigem uma abordagem mais flexível, que leve em conta as suas realidades sociais, culturais e econômicas. No entanto, essa adaptação nem sempre ocorre de maneira eficaz, o que se reflete nas dificuldades observadas em sala de aula.

A adaptação dos conteúdos é um ponto crucial, já que muitas vezes o currículo tradicional não corresponde às vivências e às necessidades dos alunos. Os alunos adultos frequentemente não se identificam com os conteúdos convencionais, que muitas vezes não dialogam com as experiências e vivências que eles trazem da vida prática. A falta de familiaridade com o uso de novas tecnologias, como a plataforma de ensino, também contribui para essa situação, já que muitos alunos não têm acesso a uma boa conexão de internet, o que torna o uso da plataforma problemático.

Outro ponto importante observado foi a ausência de um planejamento didático mais dinâmico e engajador. Muitos professores, devido à sobrecarga de trabalho e à escassez de tempo, não conseguem preparar aulas que atendam plenamente às necessidades dos alunos. Vygotsky (1998) discute a importância da mediação do professor para o desenvolvimento da aprendizagem, e destaca que o educador deve utilizar ferramentas pedagógicas adequadas ao nível de desenvolvimento dos alunos. A falta de tempo para o planejamento compromete essa mediação, e os professores acabam recorrendo a métodos tradicionais que não são os mais eficazes para um público que, em sua maioria, já possui uma história de frustrações com a educação formal.

Além disso, o fato de que muitos educadores recebem salários baseados apenas no nível médio e não na sua formação superior ou pós-graduação impacta negativamente a motivação e o comprometimento desses profissionais. A falta de valorização profissional, como no caso dos professores da EJA, é um fator que pode diminuir a satisfação no trabalho e o engajamento com as atividades pedagógicas. Isso se reflete na qualidade do ensino, uma vez que professores desmotivados tendem a ter mais dificuldades para desenvolver práticas pedagógicas eficazes.

Em relação às metodologias utilizadas, percebe-se um esforço dos professores para trabalhar com práticas mais contextualizadas e significativas, que liguem o conteúdo escolar às realidades cotidianas dos alunos. Esse esforço é frequentemente dificultado pela falta de recursos, como a alimentação escolar de qualidade e o acesso à tecnologia. A desvalorização social do estudo também contribui para uma visão distorcida sobre a educação, o que reflete diretamente no comprometimento e na disposição dos alunos para aprender.

Assim, a metodologia e as práticas pedagógicas observadas revelam um contexto desafiador, mas também uma constante busca por adaptação e inovação. Para superar essas dificuldades, é fundamental que se invista em formação continuada dos professores, melhoria das condições de ensino e a valorização da educação do campo, para que os alunos possam de fato aproveitar as oportunidades oferecidas e alcançar seus objetivos educacionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na Escola Rui Barbosa, com foco na Educação de Jovens e Adultos (EJA), permitiu uma análise mais aprofundada das realidades enfrentadas por alunos e professores no contexto rural, abordando os desafios que comprometem o processo de ensino-aprendizagem. Com base nos dados coletados, é possível concluir que a EJA é uma modalidade de ensino essencial, mas que ainda carece de adaptações e estratégias específicas para atender às necessidades do público-alvo de forma eficaz.

Pude observar que muitos alunos da EJA enfrentam condições de vida desafiadoras, como a sobrecarga de trabalho, responsabilidades familiares e um histórico de descontinuidade nos estudos. Esses fatores impactam diretamente o desempenho acadêmico e a permanência escolar, resultando em altas taxas de evasão. No entanto, apesar das dificuldades, há um desejo muito grande de retomar os estudos, seja por necessidade de qualificação profissional ou por interesse pessoal em conquistar melhores condições de vida.

Outro ponto relevante notado durante a minha pesquisa é a metodologia de ensino adotada, que muitas vezes não se alinha às realidades e vivências dos alunos. A utilização de plataformas digitais e recursos pedagógicos pouco acessíveis (por conta da infraestrutura precária de internet) também se mostrou um obstáculo no processo de aprendizagem, evidenciando a necessidade de repensar as ferramentas educacionais para essa modalidade. Além disso, a abordagem pedagógica ainda carece de mais flexibilidade e contextualização, adaptando-se ao ritmo e à dinâmica de vida dos estudantes, o que poderia contribuir para maior motivação e engajamento.

As práticas pedagógicas observadas, embora baseadas no esforço e dedicação dos professores, ainda encontram desafios em sua implementação como a diversidade de idades e vivências, além da falta de uma formação continuada mais robusta, dificultam a adoção de metodologias que promovam uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. A desvalorização dos profissionais da educação, com salários que não condizem com sua formação e experiência, também contribui para a desmotivação dos educadores, impactando diretamente a qualidade do ensino oferecido.

Portanto, é fundamental que a EJA seja compreendida não apenas como uma continuidade do ensino básico, mas como uma modalidade de ensino que precisa ser inovada e adaptada para responder às realidades dos alunos adultos, especialmente em contextos rurais. A oferta de uma educação que considere as especificidades da vida no campo, com a implementação de práticas pedagógicas mais flexíveis e com a valorização de educadores, pode ser um caminho para reduzir a evasão escolar e promover a inclusão social e educacional de jovens e adultos que, por diversas razões, ficaram à margem do sistema educacional.

A partir deste estudo, algumas sugestões para a melhoria do ensino na EJA incluem: a ampliação da oferta de atividades que contemplem a realidade de trabalho dos alunos, com ênfase em conteúdos voltados à sua formação profissional; a utilização de metodologias ativas e mais participativas, que estimulem a reflexão e a interação; o fortalecimento da infraestrutura tecnológica e a adaptação das plataformas de ensino para a realidade local; além da criação de espaços de apoio psicológico e pedagógico para auxiliar na superação das dificuldades emocionais e cognitivas que afetam os estudantes.

Apesar dos desafios identificados, a EJA continua sendo fundamental para a promoção da educação e inclusão social no Brasil. Contudo, a sua eficácia depende de um esforço conjunto entre gestores, educadores e comunidade para transformar os desafios em oportunidades de aprendizado, proporcionando aos alunos uma educação de qualidade, que atenda às suas necessidades e realidades específicas.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, A. et al. **Educação de Jovens e Adultos: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora X, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96**. Brasília. MEC, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.3, p.20-29, mai/jun-1995.

LIMA, A. A EJA no contexto rural: desafios e possibilidades de transformação. **Revista Brasileira de Educação**, 24(3), 123-145, 2019.

LIMA; MIOTO. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

RIBEIRO, F.; SANTOS, L. Metodologias ativas na Educação de Jovens e Adultos: uma abordagem contextualizada. **Educação em Revista**, 35(2), 98-112, 2022.

SILVA, R.; OLIVEIRA, M.; SOUZA, P. O impacto das rotinas de trabalho no desempenho escolar dos alunos da EJA. **Revista Brasileira de Educação no Campo**, 14(1), 70-85, 2020.

SOUZA, J.; PINTO, S. A evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos: uma análise das causas e soluções possíveis. **Educação e Sociedade**, 41(3), 56-71, 2020.

SYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na educação: a prática reflexiva**. 3ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.